

O PEQUENO PRODUTOR AGROECOLÓGICO EM FRUTAL – MG: DESAFIOS DE GESTÃO FRENTE A PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS

Frederico Alves da Silva¹

Rodrigo Ney Millan²

Vanesca Korasaki³

Jhansley Ferreira da Mata⁴

Agroecologia e Produção Agrícola Sustentável

RESUMO

Com o passar dos anos a situação dos produtores familiares tornou-se complexa devido a dificuldades financeiras, de produção e escoamento/venda da produção. Assim, surge a necessidade de identificar mecanismos que auxiliem a permanência do homem no campo. O objetivo do trabalho foi demonstrar que uma ideia empreendedora pode reduzir os custos do processo produtivo e auxiliar o escoamento da produção. Para a pesquisa foi entrevistado um casal de agricultores orgânicos certificados. Foi utilizado os princípios da observação participativa, que consiste no envolvimento e participação no cotidiano dos procedimentos de produção desde o plantio, até a colheita e posterior comercialização dos produtos, permitindo uma maior compreensão das barreiras, dificuldades e benefícios do modelo de produção e comercialização adotado pelo agricultor. Na fase inicial surgiram diversas dificuldades, em especial na transição da produção convencional para agroecológica/orgânica, mas estas foram ajustadas no decorrer do processo. O principal obstáculo foi a comercialização, pois os consumidores não estavam acostumados com produtos orgânicos (preço, tamanho). A ação empreendedora foi a criação da CSA-Frutal (Comunidade que Sustenta a Agricultura), assim, o produtor conseguiu eliminar atravessadores para escoamento da produção, reduziu custos em todo o processo produtivo e conseguiu agregar valor ao seu produto, especificando suas vendas a um grupo de consumidores específicos, além disso, este tem a segurança da venda não sofrendo as variações do mercado, visto que já possui seus consumidores fiéis. Portanto, esse trabalho auxiliará outros produtores familiares a utilizar ações empreendedoras sustentáveis para obter sucesso na sua produção e venda de produtos.

Palavras-chave: Agroecologia; Agricultura Familiar; Produtor Rural

INTRODUÇÃO

Diante das situações enfrentadas pelos pequenos produtores rurais, como a viabilidade financeira, falta de assistência técnica, entre outros, superar as dificuldades e manter-se no mercado é um desafio constante. Os altos custos de produção, a intensa ação dos

¹Aluno do Curso de Especialização em Agroecologia no Cerrado, Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal, Departamento de Ciências Exatas e da Terra, fredfrutal@hotmail.com

²Prof. Dr. Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal, Departamento de Ciências Exatas e da Terra, rodrigo.millan@uemg.br

³Prof. Dra. Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal, Departamento de Ciências Exatas e da Terra, vanesca.korasaki@uemg.br

⁴Prof. Dr. Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal, Departamento de Ciências Exatas e da Terra, jhansley.mata@uemg.br

atravessadores que impossibilitam a venda direta da produção e a concorrência com os grandes produtores rurais (produção em alta escala) tornaram-se obstáculos a serem superados diariamente pelos pequenos agricultores familiares. Na agricultura familiar a produção agrícola é realizada preferencialmente pelos membros no núcleo familiar, onde o próprio produtor direciona os trabalhos, realizando a gestão do empreendimento de forma direta e presencial, desde o plantio até a colheita, incluindo todos os tratos culturais que são realizados por pessoas da família (GUANZIROLI et al., 2012; LANDAU et al. 2013).

No Brasil o modelo predominante é o da produção convencional, no entanto, muitos consumidores e agricultores buscam um modelo de produção mais sustentável e, frente a essa procura, surgem algumas propostas, como a agricultura ecológica, orgânica, natural e biodinâmica (DARLOT, 2004). Esses modelos de produção se expandiram em todo o mundo, e apesar do consumidor e do produtor de orgânicos no Brasil serem relativamente pequenos, com menos de 1% da população, o mercado brasileiro de alimentos orgânicos vem crescendo em taxas superiores a média mundial (ORGANICSNET, 2016).

Com o passar do tempo, as cidades e seus moradores cresceram exponencialmente. Hoje mais pessoas vivem em áreas urbanas do que em rurais, e ainda temos a projeção de que em 2050 em torno de 66% da população esteja residindo em áreas urbanas (UNITED NATIONS, 2014). Com isto, essa troca de produtos como ocorria antigamente se torna totalmente inviável. Frente ao exposto objetiva-se com o esse trabalho mostrar que mesmo com o crescimento das cidades e conseqüente crescimento populacional, um pequeno produtor agrícola pode usar de ações empreendedoras para contornar esse problema e conseguir sucesso com novos clientes (nichos de mercado), desvencilhando-se de obstáculos que diminuía suas chances de ter sucesso com a sua produção. O entendimento dessa experiência pode servir de modelo para outros produtores agrícolas que realizam o modelo de agricultura familiar.

METODOLOGIA

Para exibir essa experiência foi entrevistado um casal de agricultores orgânicos certificados pelo Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA). O casal é proprietário da Horta Rio Grande, única horta certificada de toda a região do Triângulo Mineiro, localizada em Fronteira, MG. A produção na horta é diversificada, constituindo-se de: alface, almeirão, beterraba, brócolis, cebolinha, cenoura, coentro, couve, couve-flor, escarola, batata doce,

berinjela, chuchu, jiló, mandioca, milho verde, pepino, pimenta, pimentão, quiabo, entre outros. Para a coleta de dados foi realizada a pesquisa com princípios da observação participantes (BAYLEY, 1982). Para tal foi realizado o envolvimento e participação no cotidiano dos procedimentos de produção desde o plantio, até a colheita e posterior comercialização dos produtos, permitindo uma maior compreensão das barreiras, dificuldades e benefícios do modelo de produção e comercialização adotado pelo agricultor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os agricultores relatam que inicialmente a produção da Horta Rio Grande era baseada no modelo convencional, com a utilização de adubos químicos sintéticos, com o controle de pragas realizado por meio de defensivos agrícolas químicos. No entanto, os produtores já começavam a tomar uma maior consciência sobre os perigos da utilização destes, mas somente após a participação em um curso sobre agricultura orgânica, que decidiram mudar o modelo produtivo.

Inicialmente ocorreram muitas barreiras, pois o solo estava esgotado por ter sofrido inúmeras produções consecutivas, portanto os produtos não conseguiam alcançar qualidade para a venda, pois havia falta de nutrientes no solo e surtos de pragas, devido ao desequilíbrio do ambiente. Uma das teorias que pode explicar isto é teoria da trofobiose, que parte da ideia de que quando há desequilíbrio nutricional, o vegetal fica mais propenso a sofrer o ataque de pragas e patógenos (CHABOUSSOU, 2014).

O agricultor conseguiu contornar esses problemas com a utilização de técnicas utilizadas na agricultura orgânica e agroecológica, como os fertilizantes de origem natural de baixa solubilidade, que são permitidos na agricultura orgânica, como os fosfatos naturais e pós de rocha (SOUZA e ALCÂNTARA, 2008), entre outros. Além disto, a adubação verde e o uso de biofertilizantes enriquecidos com macro e micronutrientes também auxiliaram nesta fase. Essas práticas, tornaram o solo rico e vivo novamente, pois percebia-se que besouros predadores, minhocas, e outros organismos benéficos do solo começavam a aparecer. O problema do controle das pragas também foi contornado com a utilização de métodos alternativos de controle como o uso de inimigos naturais (bactérias, fungos e parasitoides), uso de calda bordalesa, extratos de plantas como o nim (*Azadirachta indica* A. Juss). O produtor também iniciou a diversificação de cultivos, tornando a sua área produtiva mais heterogênea, seguindo os preceitos de que um ambiente mais diverso é mais equilibrado.

Os problemas da produção foram contornados e os agricultores conseguiram iniciar uma produção para ser vendida no comércio local. No decorrer desse processo, os agricultores conseguiram obter a certificação orgânica pelo Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA). Com o passar do tempo as dificuldades foram superadas com a produção, mas logo veio outro problema, a complexidade na comercialização destes produtos orgânicos, pois estes não alcançavam no início o porte dos produtos que são produzidos no modelo tradicional, com a utilização de agrotóxicos e adubos, e ainda seus locais de vendas (feiras livres e supermercados da região) não davam importância para a qualidade dos produtos e sim observavam somente o volume/tamanho e o preço de cada item. Isto levou novamente a queda na renda familiar, e desânimo por parte dos agricultores.

Nesse momento com auxílio de algumas pessoas, através de uma ação empreendedora, surgiu a ideia de implantar uma CSA na cidade de Frutal. A sigla CSA vem de “*Community Supported Agricultura*”, e no Brasil é traduzida como “Comunidade que Sustenta a Agricultura”, um conceito criado no Japão e na Europa na década de 1960 (ANDERSON-WILK, 2007). No Brasil chegou somente em 2011. A CSA-Frutal foi fundada em 2016 e trata-se de um a proposta de fornecimento de produtos agrícolas (hortaliças, verduras, temperos, frutas, entre outros) diretamente do produtor para o consumidor, retirando os atravessadores desse processo. É uma economia construída de forma associativa, com benefícios para todos. Os pontos mais importantes são que o agricultor deixa de ser dependente do mercado e que o consumidor é consciente, vivenciando todas as dificuldades da agricultura familiar.

Nesse sistema os consumidores apoiam os agricultores e pagam uma cota mensal, independente de intempéries (geada, pragas) que possam acarretar diminuição ou até mesmo parada temporária da produção. Os agricultores fornecem semanalmente uma cesta com no mínimo sete itens (hortaliças, verduras, frutas, leguminosas, etc.) que são produzidos de forma orgânica/agroecológica. Com isso o consumidor tem a segurança de receber um alimento que foi produzido sem agredir o meio, sem uso de defensivos agrícolas, e que ainda auxilia a fixação do homem no campo. Os consumidores também decidem todos os itens da produção, juntamente com o agricultor, como o que plantar e quando plantar, reajustes da cota, entre outros assuntos.

Por sua vez, o agricultor tem a segurança de o que for produzido ter o destino correto (coprodutores), além de não correr os riscos de impacto das vendas devido às variações do mercado. Outro fator importante é que, por participarem efetivamente de todo o processo,

desde o plantio até a colheita, os coprodutores são cientes de que se ocorrer algum problema com a produção os prejuízos serão de todos. Por exemplo, na época da seca ocorre diminuição da produção, nessa época os consumidores recebem menos produtos, e estes compreendem o motivo. Enquanto que na época da chuva a fatura de produtos também é compartilhada, pois o produtor não vende ao mercado externo, toda a produção é destinada a esse grupo de consumidores.

CONCLUSÕES

Esse modelo de venda direta, sem atravessadores, apresenta inúmeras vantagens para ambos, tanto para o agricultor quanto para o consumidor e pode servir para pequenos produtores familiares que tem dificuldades em escoar seus produtos. O agricultor pode também realizar uma associação com outros produtores para atender demandas maiores da comunidade. Adicionalmente, é uma economia solidária, participativa e sustentável, produzindo alimentos livre de agrotóxicos, conservando o meio ambiente e é socialmente justo, apoiando a fixação do homem no campo.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON-WILK, M. Does community-supported agriculture support conservation? **Journal of Soil and Water Conservation**, v. 62, n. 6, p. 126A-127A, 2007.
- CHABOUSSOU, F. **Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos: novas bases de uma prevenção contra doenças e parasitas – a teoria da trofobiose**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- DAROLT, M.R. As principais correntes do movimento orgânico e suas particularidades. In: DAROLT, M.R. **Agricultura orgânica: inventando o futuro**, Londrina: IAPAR, 2002. p.18-26.
- GUANZIROLI, C. E.; BUAINAIN, A. M. Dez anos de evolução da agricultura familiar no Brasil: (1996 e 2006). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 50, n. 2, p. 351-370, 2012.
- LANDAU, E. C.; GUIMARÃES, L. S.; HIRSCH, A.; GUIMARÃES, D. P.; MATRANGOLO, W. J. R. **Concentração geográfica da agricultura familiar no Brasil**. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo. 66p. Documento Embrapa Milho e Sorgo 1518-4277, 2013.
- ORGANICSNET. Manual de Certificação de Produtos Orgânicos. **Organicsnet**. Publicado em 21 de julho 2017. Disponível em:<<http://www.organicsnet.com.br/certificacao/manual-certificacao/>>. Acesso em: 25 fev. de 2018.
- SOUZA, R. B.; ALCÂNTARA, F. A. **Adubação no sistema orgânico de produção de hortaliças**. Brasília: EmbrapaHortaliça, Circular técnica 65, 2008.
- UNITED NATIONS (UN). In: P.D. Department of Economic and Social Affairs (Ed.), United Nations. **World urbanization prospects: The 2014 revision**. New York: United Nations. 2005.